

# UMA FACA DE REMATE MUITO ESPECIAL

Este foi sem dúvida um projecto que me deu um prazer especial. Primeiramente pela liberdade que me foi dada pelo amigo F.S. sempre aberto às minhas sugestões, nas inúmeras conversas foi sempre extremamente fácil chegar a um consenso, foi também um desafio devido a que algumas das técnicas usadas no fabrico deste conjunto – faca, bainha e estojo – foram uma estreia para mim.

**TEXTO:** SÉRGIO SANTOS (SERGIOKNIVES@GMAIL.COM)  
(ARTIGO ESCRITO COM GRAFIA ANTERIOR AO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO)  
**FOTOS:** AUTOR E PEDRO VITORINO

**D**a simples ideia de fabricar uma faca de remate, o seu desenho, os materiais a utilizar, como os transformar e aplicar, foram meses de paciência que nunca faltou ao actual dono da que eu chamo “a minha menina”. As únicas certezas que ambos tínhamos, eram que os materiais a utilizar seriam materiais nobres e naturais. Uma das paixões comuns entre F.S e eu como artesão, é a de que nada se compara à beleza e à individualidade da madeira, da pele do marfim e de tantos outros materiais naturais.

## **AÇO DAMASCO**

O aço de eleição para a lâmina foi aço damasco. Supostamente, os nossos antepassados não possuindo aço em quantidade suficiente para fabricar lâminas longas, socorreram-se de um estratagema engenhoso: juntar, por caldeamento, aço com ferro ou outro aço de menor dureza, depois de um longo trabalho de forja em que os dois aços eram repetidamente batidos e dobrados, obtinham uma lâmina dura para manter o fio e macia e flexível o suficiente para não se partir com facilidade.

Talvez os primeiros a utilizarem este método tenham sido os Sirios da cidade de Damasco. No caso da nossa faca o aço damasco utilizado é uma união de aço 1095 com um teor de carbono de 0,95% -o que possibilita ser utilizado no fabrico de limas – e aço 01 com 0,9% de carbono. O damasco foi comprado em barra, cortado depois de decidido o desenho da lâmina e afiado. De seguida foi mergulhado em ácido, de forma a “revelar” os desenhos

formados pela não completa fusão entre os dois materiais. O ácido vai corroer alguns “microns” de espessura do aço mais macio, o qual fica em baixo relevo, enquanto o aço mais duro estará em alto-relevo. O aspecto final, assemelha-se a como quando amassamos duas barras de plasticina de cores diferentes e cortamos a bola, veremos assim um desenho marmoreado.

## **O PUNHO**

Depois de acabada a lâmina é a vez de avançar para o punho. Foram pensadas e esboçadas diversas possibilidades para a guarda e o botão de punho, de forma a que o conjunto fosse o mais harmonioso

possível. O desenho final apesar de ter um aspecto clássico, julgo ter-se conseguido dar-lhe um “ar elegante”. Foi escolhido osso de baleia fossilizado para o punho. Este raro e belo material, depois de trabalhado à lima em torcido de quatro cabos e, graças a muita lixa e pó seguido de polimento, mostrou toda a sua beleza. Como esta faca não será apenas um objecto decorativo, o punho foi reforçado no interior com um tubo de latão, o qual ficaria apertado ao espigão da lâmina tomando o conjunto mais forte.

A guarda e o botão de punho foram o próximo desafio. Depois em posse da lâmina e do punho acabados chegamos à conclusão que dois materiais nobres, como o damasco e osso de baleia, fariam todo o sentido serem terminados com uma guarda e um botão de punho em prata. Primeira contrariedade: eu nunca tinha trabalhado em metais nobres. Ainda foi posta a hipótese de o trabalho de prata ser feito por um ourives, mas eu estava decidido a que todo o trabalho fosse de minha autoria. Foi arregaçar as mangas e mãos à obra. Felizmente existe a internet para nos tirar dúvidas, mas também ajudam os quilos de livros e os DVD’s que vou adquirindo, e mais importante ainda os excelentes profissionais que fui conhecendo ao longo da vida. Não esqueço o ensinamento que recebi de Wolf Borger, um cuteleiro alemão de fama mundial, que tive o privilégio de conhecer. Depois de lhe fazer algumas perguntas sobre cutelaria e lhe ter dito que quando fosse segredo profissional – à boa maneira

de alguns dos nossos antigos profissionais que escondiam os escondiam – ele podia recusar-se a responder, pensei que o meu inglês ainda era pior do que eu pensava porque ele não pareceu perceber. Para meu espanto ele respondeu que não existe tal coisa, existem apenas técnicas dependentes de duas variantes e apontou para a cabeça e para as mãos, nem é necessário falar português, alemão ou inglês, percebe-se logo à primeira. Parece que – ou tenho tido sorte – muitos portugueses já não fazem “caixinha” dos seus conhecimentos, ou, se calhar, recebemos de volta o que damos; tem sido também graças à troca de experiências e saberes com alguns desses profissionais que tanto tenho aprendido, e tanto ainda para aprender. Mas, voltemos à “minha menina”. Depois de três ou quatro esboços rápidos com tema de “folhas de carvalho” e “bolotas” temas muito de acordo com a caça. Iniciei as esculturas em cera de joalheria, da guarda e do botão; algum tempo e muita paciência depois, já com os moldes

acabados e aprovados, fui levá-los à oficina de fundição para a execução das peças em prata. E também os moldes de todos os acessórios da bainha – encaixe, ponteira argola e bolotas –, os quais iriam ser fundidos em alpaca, uma liga composta de cobre níquel e zinco, também conhecida como prata alemã. Todas estas peças para a faca e, todos os acessórios para a bainha da mesma – e apesar do excelente trabalho de fundição do





Sr. Alfredo Cid – todas elas têm que ser acabadas e polidas à mão.

## TRABALHO DE ARTESÃO

Toda esta descrição exaustiva, pretende apenas chamar a atenção para o que é todo o trabalho de um artesão, desde o início até ao produto final. Um trabalho como este não é somente a soma de peças de aço, madeira, osso, couro, etc., mas sim uma soma de paciência, tempo, projecto, estudo e já agora, alguma arte. Não quero chamar a atenção só para o meu trabalho, mas para o de todos os artesãos deste país que, felizmente, já começam a ser reconhecidos pela sua sabedoria, arte, e porque não, pelo excelente contributo para a economia nacional. Chega de pensar que o artesão é um sapateiro de vão de escada – com todo o respeito pelos sapateiros, o meu avô paterno era um deles, excelente profissional e ainda melhor ser humano – o artesanato é parte importante e integrante da cultura de um país.

Pretendo também, que o caro leitor se entusiasme e venha a fazer parte de um grupo que se vai formando, lentamente, de pessoas que consideram a faca não uma arma – e atenção, não há armas más, existem sim utilizadores de armas más e mal formados – mas sim como sendo uma ferramenta comum a muitas profissões, um objecto de engenho e arte. Espero também que alguns de vós comecem a pesquisar e um dia fabriquem a vossa faca individualizada e única, seja transformando a faca de cozinha lá de casa, a velha faca de escuteiro, ou o “kit” comprado. Por mim, estou pronto a responder a quaisquer perguntas que me coloquem.

Caso algum dos leitores esteja interessado, poderei fabricar “kits” para serem



acabados e personalizados pelo comprador, devidamente acompanhados por instruções de montagem. Mas, continuando com o fabrico da “menina”, de posse de todas as peças vindas da fundição e depois de acabadas e polidas, foi a vez de montar a faca. O punho foi embelezado com um enrolamento de corda de prata, realçando-o assim e estabelecendo a ligação entre a guarda e o botão de punho.

## A BAINHA E ESTOJO

Para a bainha foi fornecida pelo futuro dono da minha “menina”, pele de elefante abatido há alguns anos pelo próprio, pele

essa tingida de preto, o que confere um toque discreto ao conjunto. De posse dessa pele foi forrada a bainha em madeira. A madeira tem a função de dar consistência ao conjunto, fixar o encaixe e a ponteira em alpacá à bainha, além de proteger a lâmina da oxidação, porque mesmo no caso de aços “inoxidáveis” o contacto da mesma com a pele acelera a oxidação, mesmo que sejam só aqueles pontos minúsculos escuros como temos naquela faca de cozinha lá de casa, isso é devido ao “tanino” contido na pele e que ataca o carbono do aço. A bainha é basculante o que torna o seu transporte mais confortável, especialmente no caso desta faca que tem um tamanho considerável, quando usada à cintura, o facto de não ser um conjunto rígido, facilita os movimentos, (sentar e levantar) sem ser necessário andar constantemente a “ajeitar” a bainha ao cinto. Tem também a particularidade de se puder ficar com o passador de cinto no mesmo e retirar-se a parte que transporta a faca, ficando assim à cintura apenas as duas argolas de pele, não obrigando dessa forma a que se tenha de andar sempre a desapertar o cinto para retirar a faca e a bainha da cintura. O sistema de segurança da bainha é assegurado com uma argola e espigão em chifre de búfalo, dado que a tradicional mola de pressão, de uso na maior parte das bainhas, não teria a mesma beleza. Todo este trabalho merece ser guardado e exposto num estojo, o estojo inspirado nas malas de couro que acompanharam, tanto os exploradores como caçadores do continente africano; optou-se pelo mesmo não ter grandes “floreados”, mas somente uma gravação na tampa com um pergaminho identificado com as iniciais do dono, sendo o interior forrado com veludo. E pronto eis que chegou o momento de me despedir daquela que me deu trabalho, desafios e prazer. Deixou de ser a “minha menina” e passou a ser “a nossa menina”. Mas, sempre que eu tiver saudades é só pedir, que o seu actual proprietário a traz para eu matar saudades. Além das fotos, que não sendo a mesma coisa, claro que ajudam. ☺

